FÉ E POLÍTICA

Igrejas em crise após vitória petista

Denominações evangélicas apostaram alto na reeleição de Bolsonaro, com uso da narrativa de que o atual presidente seria enviado por Deus. Agora, lideranças sinalizam aproximação a Lula, o presidente eleito, enquanto outras permanecem em silêncio

» HENRIQUE LESSA

No último dia 30, o pastor Silas Malafaia, da Assembleia de Deus Vitória em Cristo, orou pelo presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Já o bispo Edir Macedo, líder da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) e proprietário da TV Record, usou as redes sociais na última quinta-feira para pedir que a população perdoasse Lula. Ambos são grandes líderes de denominações evangélicas que, ao longo da campanha, estiveram na linha de ataque contra a candidatura do petista.

Outros líderes, como o pastor Apóstolo Valdemiro Santiago, da Igreja Mundial do Poder de Deus, optaram, até o momento, pelo silêncio. Não patrocinaram os movimentos golpistas de alguns apoiadores inconformados com a derrota do presidente Jair Bolsonaro (PL), mas também não saudaram a vitória do presidente eleito.

É esse silêncio, ao menos nos assuntos mundanos da política, que se observa em templos evangélicos de todo o país. Com estratégia baseada em uma teologia de guerra santa, na qual Bolsonaro seria o ungido por Deus, e Lula a representação do mal, gerou-se a satanização, tanto do adversário, como até mesmo do 'irmão' que discordava da orientação política do pastor. Agora, com a 'vontade de Deus' pela eleição do petista, há um dilema teológico entre os fiéis.

É o que observa o antropólogo e pesquisador da temática, professor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Ronaldo de Almeida. "Você vai nas igrejas, e eles não sabem como explicar para o fiel como o Deus que está no comando escolheu Lula e não Bolsonaro. É uma igreja que sai fraturada, que já saiu fraturada em 2018, e agora mais ainda, pois jogaram todas as fichas na eleição do Bolsonaro", aponta o professor.

Reprodução/ Facebook



Edir Macedo pediu que a população perdoasse Lula. PT responde que não precisa do perdão do bispo

Apesar de afirmar que irá orar pelo presidente e que respeita o resultado das urnas, Malafaia chegou a dizer que deseja distância de Lula e seu governo. Já o bispo Edir Macedo foi mais cauteloso, escolheu o genro, pastor Renato Cardoso, para falar mal do presidente eleito. Sua única declaração a respeito do resultado após o segundo turno eleitoral foi sobre o perdão ao presidente eleito, aceitar o resultado e "bola para frente". "É um movimento esperado das grandes denominações evangélicas que sempre "são governo"", avalia Almeida.

A presidente do PT, deputada Gleisi Hoffmann (PR), afirmou que dispensa o perdão de Edir Macedo. "Ele é quem precisa pedir perdão a Deus pelas mentiras que propagou", retrucou a parlamentar. O bispo, em réplica, afirmou "não dever nada nem a Lula nem a Bolsonaro". Mas Almeida lembra que a IURD e a Record foram privilegiadas, tanto nos governos de Lula, quanto de Bolsonaro. Ainda no governo Lula a diplomacia brasileira foi atuante para atender os interesses da IURD em Angola, país onde hoje a igreja enfrenta problemas com o governo. Já no governo Bolsonaro a verba publicitária, antes concentrada na TV Globo, migrou em grande parte para o SBT e para a TV Record do bispo.

Almeida aposta que tanto Macedo quanto Malafaia devem voltar a se aproximar do governo petista. "Essa característica governista das corporações da fé está ligada aos interesses particulares de cada igreja", completa o antropólogo.

»Entrevista | **HENRIQUE VIEIRA** | PASTOR E DEPUTADO ELEITO (PSOL-RJ)

Estado Laico sob ataque

» HENRIQUE LESSA

São Paulo — *A campanha pela reeleição do atual presidente Jair Bolsonaro (PL) contou com apoio expressivo de setores evangélicos. Apesar disso, nomes da esquerda ligados a esses princípios religiosos conseguiram êxito nas urnas, e um deles é o pastor Henrique Vieira, eleito deputado federal pelo PSol no Rio de Janeiro.*

Pastor da Igreja Batista do Caminho, Vieira recebeu 53.933 votos, e garante que não fará um mandato para defender interesses da sua igreja. O líder evangélico se define como um "pastor antifundamentalista" e diz que a vitória de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) nas urnas foi um feito extraordinário. Confira os principais trechos da entrevista do pastor ao **Correio**.

Qual o significado da vitória do presidente Lula?

Foi uma vitória importante, enfrentamos uma máquina de fake news, um uso inescrupuloso do orçamento público, uma extrema-direita que não faz política dentro das demarcações da democracia. Agora temos a tarefa de unificar o país, reestabelecer laços de diálogo e superar a fome.

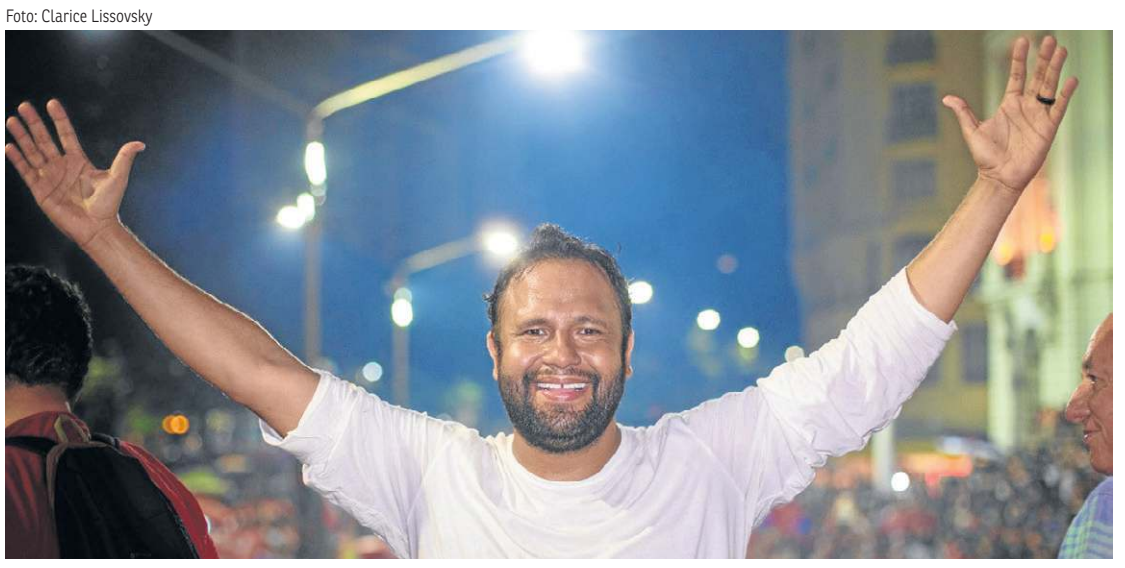
Como entendeu a sinalização do pastor Silas Malafaia e do Bispo Edir Macedo ao Lula?

São declarações diferentes. Malafaia fala que vai orar pelo presidente, que respeita o resultado das urnas, isso é o básico do básico. Mas continua chamando o Lula de ladrão, que o Brasil será governado por um ímpio, e dizendo que tem vergonha dos evangélicos que votaram nele. Continua nessa linha da hostilidade, violência linguística. Já Macedo, estou tratando como dissimulado e pragmático. Não me convence nem me comove. Há poucos meses falava "ou é cristão ou é de esquerda". Quer sempre se acomodar nas estruturas de poder.

A declaração da presidente do PT, Gleisi Hoffmann, a respeito do perdão de Macedo a Lula não pode afastar uma parcela dos evangélicos?

Gleisi não está errada. Estará errada se desistir de dialogar com o povo evangélico, que não é Macedo. Ele é um homem poderoso, com muita influência, muito dinheiro, uma igreja enorme, isso é verdade. Mas nos termos que ele coloca, eu não me aproximaria.

Foto: Clarice Lissovsky



Vieira diz que não há cristofobia no país: "as igrejas no Brasil não sofrem perseguição", defende

Mas o bispo Macedo e o pastor Malafaia já foram muito próximo aos governos petistas.

Essa é uma crítica que eu tenho ao PT. Dialogar com o povo evangélico não significa ser refém de determinadas lideranças. Dialogar é importante, fazer alianças é outra coisa.

A esquerda não se comunica com o público evangélico com a mesma eficácia que a direita. Por quê?

A esquerda precisa aperfeiçoar sua linguagem e fortalecer o trabalho de base para além da sinalização pública em um contexto eleitoral. Mas quando se pergunta por que a esquerda não consegue, parece que tivemos um adversário normal, e não o fascismo, uma extrema-direita com uso criminoso das redes sociais. O Bolsonaro e o bolsonarismo estão fora dos padrões éticos e legais da democracia. Eu, para ser candidato, me licenciei do púlpito da minha própria igreja, como um sinal ético de respeito à autonomia da igreja e à liberdade de consciência dos irmãos. Os bolsonaristas fizeram isso? Ou aparelharam a igreja, os cultos e os púlpitos para fazer campanha?

O senhor pretende voltar ao púlpito durante o mandato?

Ainda estou debatendo isso, devo pregar eventualmente. Isso não é atividade, é vocação divina. Mas, neste momento, a minha forma de servir ao povo e aos princípios básicos da minha fé vai ser no parlamento, defendendo a democracia, o estado laico, os trabalhadores e os empobrecidos do Brasil.

O presidente Bolsonaro mencionou, por vezes, que os cristãos no Brasil sofrem perseguição, chamada de 'cristofobia'. Como o senhor enxerga isso?

Não existe no Brasil. O que existe é uma violência contra as religiões de matriz africana. As igrejas no Brasil não sofrem perseguição, podem livremente manifestar sua fé. O que é apedrejado, ameaçado, perseguido é pai de santo, é mãe de santo, são os terreiros. Cristo não se identificou com um templo, ou com uma religião, mas, sim, com os famintos, empobrecidos, vulneráveis. Do ponto de vista teológico, cristofobia é massacrar pobre, explorar o povo e propagar a violência. Bolsonaro é cristofóbico, tem aversão completa ao Jesus do evangelho. Quem despreza a fome e o luto está tendo fobia de Jesus Cristo.

O que explica essa visão não ser a partilhada por todos os crentes?

Infelizmente não é uma novidade que exista um tipo de cristianismo poderoso institucional, que legitima mulheres na fogueira da inquisição, escravidão sobre o povo negro e dizimação dos povos indígenas. Mas temos milhares de exemplos de cristianismos amorosos, só propagando a paz, a justiça, e defendendo a causa dos oprimidos. Para mim, o fundamentalismo bolsonarista é a atualização do cristianismo colonizador, que mataria Jesus usando o nome dele.



ROBERTO BRANT

"AS ÚLTIMAS ELEIÇÕES NO BRASIL, ENTRE MUITAS OUTRAS COISAS, MOSTRARAM QUE ENTRE NÓS A POLÍTICA DEIXOU DE FUNCIONAR COMO INSTRUMENTO CIVILIZATÓRIO"

(cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)

Esquecer o que nos separa

Uma das muitas definições de política, mas certamente a mais contundente, é que ela é o contrário da barbárie. O processo civilizatório ao longo de muitos séculos foi criando mecanismos pelos quais os conflitos individuais e coletivos passaram a ser resolvidos não pela força ou pela violência, mas por meio de regras previamente estabelecidas e por autoridades reconhecidas pela maioria. As lutas deixaram o campo aberto e foram levadas para as vias impessoais das instituições. Isso é a política.

Nos estágios mais altos da civilização, a política, no seu escopo de mobilizar as sociedades para o objetivo de elevar a prosperidade e reduzir as desigualdades, age para evitar que os conflitos se tornem abertos e tomem corpo para pressionar as instituições com demandas que são difíceis de lidar, tais as que dizem respeito à cultura ou religião. Nestas sociedades, as leis que definem a ordem política procuram dificultar, por meio das regras de organização dos partidos, das normas eleitorais e da regulação do exercício do poder, que as ideias e movimentos desestabilizadores ganhem força necessária para pôr todo o sistema em cheque. É a democracia defendendo a democracia. Os fiéis da antipolítica no fundo sonham com a violência e a lei do mais forte.

As últimas eleições no Brasil, entre muitas outras coisas, mostraram que entre nós a política deixou de funcionar como instrumento civilizatório. Nunca desde a redemocratização, nem mesmo no período entre 1946 e 1964, a competição política foi tão polarizada nem tornou expostas divisões tão irreconciliáveis na sociedade brasileira. E polarização e divisão a respeito de uma pauta completamente artificial, criada e sustentada para servir exclusivamente a interesses eleitorais e desviar a atenção de todos para nossos problemas substantivos.

A pobreza do debate político e a ausência de qualquer discussão relevante e séria sobre nossa falta de crescimento, que se arrasta por 40 anos, a imensa pobreza da maioria da população, a ausência de perspectiva de quase toda a juventude do país, tudo isto passou longe dos programas, dos discursos e dos debates. A circulação de mentiras por todos os lados, obrigando a Justiça Eleitoral a monitorar o esgoto a céu aberto em que se transformaram as redes sociais e a internet, o ódio e o estranhamento entre os amigos e as famílias, tudo isto aponta para uma sociedade perdida. Vivi muito tempo e participei de muitas eleições. Perdi quase todas, a ponto de me acostumar com as derrotas. Mas desta vez meu sentimento de perda ultrapassou tudo o que eu já senti, porque, do meu ponto de vista, qualquer que fosse o resultado das urnas toda a população do país já estava derrotada.

O resultado apertado, a composição do Congresso e os sinais de mobilização permanente de grupos antidemocráticos que até agora não haviam demonstrado um mínimo de força, apontam para um governo difícil para o presidente Lula. Ele tem dois desafios gigantescos. O primeiro será criar as condições para que o país volte a crescer. Para isto terá que vencer o conservadorismo fiscal dos mercados e da mídia, que colocam a estabilidade acima do crescimento, indiferentes à pobreza de 90% da população. Mas terá também de vencer a cartilha econômica dos anos 1950 que faz parte da alma do seu partido.

Além de uma gestão econômica audaciosa, embora responsável, terá que liderar reformas que, começando com o fim definitivo da reeleição, deem lugar a um sistema político mais verdadeiro e representativo, onde haja lugar também para os bons cidadãos, e não apenas para os aventureiros, os mercadores da boa fé dos humildes e os agentes de negócios.

Ficou claro que nenhum grupo político tem maioria. Grande parte dos eleitores não votou a favor, mas sim contra. O que pode reunir a todos seria o crescimento e a luta contra a pobreza e a desigualdade. Toda a pauta de costumes, sejam as reacionárias ou as de vanguarda, tem que ficar longe do governo e da política.

Para o bem de todos é preciso pôr enfim uma pedra sobre tudo o que nos separa.